

UMA APROXIMAÇÃO POSSÍVEL? O ROMANCE POLIFÔNICO DE DOSTOIÉVSKI E OS HETERÔNIMOS DE FERNANDO PESSOA

Cesar Christian Ferreira dos Santos (CMSM)
cesarchristian2@gmail.com

RESUMO

O termo cunhado por Bakhtin para nomear o novo pensamento artístico criado por Dostoiévski é o chamado Romance Polifônico, ou seja, diversos sons e consciências diversas, muitas vezes contraditórias, coexistindo dentro de uma mesma obra. É sabido que Dostoiévski possui singular obra e que com certeza veio a influenciar diversos outros autores, sendo que este trabalho analisará uma possível aproximação entre a polifonia do referido autor com os heterônimos do maior poeta de língua portuguesa, segundo muitos críticos.

Palavras-chave:

Heterônimos. Literatura Comparada. Romance polifônico.

ABSTRACT

The term created by Bakhtin for named the new artistic thought, designed by Dostoiévski is called polyphonic romance, that is, several sounds and different consciences, so many times contradictory, coexisting within the same text. Dostoiévski has gotten a singular literary work, and certainly, it influenced many others authors, being that, this work will analyze one possible approximation between the polyphonic romance and Fernando Pessoa.

Keywords:

Heteronyms. Comparative Literature. Polyphonic romance.

1. Uma breve explicação sobre literatura comparada

O contato com textos literários de diferentes lugares do mundo e com autores de diferentes nacionalidades estimulam uma coisa que pode parecer à primeira vista óbvia, a comparação entre os dois objetos. Essa comparação entre obras nacionais e estrangeiras são na verdade um fator que impulsiona a evolução do pensamento intelectual e consequentemente a própria literatura de um determinado país.

Mesmo que determinada corrente intelectual deste ou daquele país resista a impulso estrangeiro, os intelectuais são obrigados a “re-ler” sua própria produção intelectual e haverá de qualquer maneira uma mudança causada pelo contato com uma literatura estrangeira.

A literatura portuguesa foi ao longo de sua história mais aberta à recepção de elementos estrangeiros, no seu passado medieval teve forte influência da literatura provençal. Com advento da União Ibérica de 1580 a 1640 a literatura portuguesa vem a sofrer mais influência castelhana do que francesa.

Com a restauração do trono português pela Dinastia de Bragança, novamente Portugal deixa-se influenciar pela cultura francesa, sendo que a própria corte de Pedro II (de Portugal) evidenciava tal influência, conforme a seguinte citação:

[...] a política de Luís XIV, as ligações econômicas, o afrancesamento da corte de Pedro II são outros elementos que favorecem a difusão da civilização francesa. (MACHADO; PAGEAUX, 1981, p. 18)

As influências francesas e espanholas foram aqui citadas porque são exemplos próximos que podemos citar de como uma literatura pode influenciar outra, e, dessa forma, sugerir possíveis estudos de Literatura Comparada neste âmbito, pois as influências e comparações entre literaturas nacionais e estrangeiras e entre autores diversos são um rico campo de estudo.

Porém, este estudo não tem a pretensão de dizer ou sugerir, ou ainda, tentar provar que a obra de Dostoiévski influenciou a obra de Fernando Pessoa. Mas sim, evidenciar possíveis semelhanças entre os conceitos de polifonia dostoiévskiana e os heterônimos de Pessoa.

Vale lembrar que o termo “romance polifônico” foi cunhado por Mikhail Bakhtin, e os heterônimos de Fernando Pessoa, segundo Harold Bloom, criado pelo próprio Pessoa.

1.1. A literatura comparada como disciplina e o comparativista

Pode-se dizer, a grosso modo, que a literatura comparada se dá historicamente pelas relações literárias (contato) entre as literaturas de países diversos. O estudioso comparativista encontra-se em um mundo fronteiriço, que abrange diferentes idiomas, diferentes estilos de autores, diferentes correntes filosóficas que têm como consequência a mudança de temas e de ideias. Porém, tal análise que talvez se possa dizer que é o objeto da disciplina em questão, exige, como todo trabalho ou tarefa, ferramentas necessárias à sua execução.

O comparativista é historiador ou um estudioso da história do país ou do momento histórico que determinado autor vivia ao produzir sua obra. Como entender Fernando Pessoa, sem perceber o momento histórico em que vivia? Tal momento era de transição, onde as tradicionais monarquias européias estavam em franca decadência, fato este que não era percebido pelos próprios monarcas. As vanguardas europeias estavam a iniciar o movimento modernista que encerraria, pelo menos culturalmente, a fase e a influência das grandes e tradicionais monarquias na Europa.

Uma das ferramentas que o comparativista deveria (ou deve) ter é o conhecimento da língua estrangeira que está sendo comparada à sua, sabe-se que tal habilidade muitas vezes falta ao comparativista, tendo em vista as limitações humanas em aprender outra língua ou outras línguas. Então ao estudioso restam as traduções das obras a serem analisadas com suas possíveis discrepâncias em relação ao original, conforme assinala a seguinte citação:

O encontro de uma literatura estrangeira, com uma possibilidade de <<recepção>>, isto é, de leitura e de apreciação crítica, depende da tradução e sobretudo da adaptação. (MACHADO; PAGEAUX, 1981, p. 18)

Para Coutinho e Carvalho (1994, p. 99) “Em cada época, livros, homens contribuem para que se conheçam as letras e os países estrangeiros. A literatura comparada encontra neles um primeiro objeto de estudo”. Sendo assim, livros e homens passam a ser objetos de estudo, como é o caso deste artigo que estuda, mesmo que de maneira superficial, comparativamente a obra de Dostoiévsk e Pessoa.

Os livros chegam do estrangeiro e como dito anteriormente são submetidos à tradução, para que um gama maior de leitores possa ter acesso à obra. Em um segundo momento, pode-se dizer que as obras críticas sobre determinada obra estrangeira são também fontes de informações sobre o estrangeiro, bem como sobre a obra estudada em si. Vale aqui fazer um pequeno parêntese sobre a questão da recepção, que, a grosso modo, seria o acolhimento feito a uma determinada literatura (estrangeira no caso em questão), pois a recepção crítica de uma obra estrangeira leva ao discurso crítico sobre a obra. Mas o que seriam essas obras críticas sobre obras estrangeiras? Respondo, seriam os próprios estudos acadêmicos sobre determinada obra. Os jornais e revistas exercem papel particularmente importante, pois contribuem para a difusão e compreensão das obras estrangeiras.

Ainda segundo Coutinho e Carvalho, os homens, no caso em questão, os homens que se tornaram célebres, são grandes difusores de suas literaturas pátrias, ou no sentido inverso, grandes difusores de uma determinada literatura estrangeira em sua pátria. Como exemplo hipotético, podemos lançar o seguinte questionamento: qual tradução do “The Canterbury Tales”, de Geoffrey Chaucer, teria mais reconhecimento no meio acadêmico e em meio à crítica em geral. A de uma célebre medievalista e reconhecida pesquisadora brasileira, Márcia Maria de Medeiros¹, ou a de um ilustre desconhecido no meio acadêmico?

Não temos a pretensão de definir quais as ferramentas são mais adequadas ao comparativista, mas, resumindo as ideias de Carvalho/Coutinho e Pageaux/Machado, as principais ferramentas a serem utilizadas seriam:

1. a tradução;
2. o conhecimento histórico;
3. a definição do gênero; e
4. tirar prova do empréstimo e/ou influência.

Apesar de entendermos o porquê dos autores terem sugerido essas ferramentas como “padrão” das pesquisas comparativas, não podemos fazer uso de todas elas, pois como dito anteriormente, o objetivo deste trabalho não é provar uma influência Dostoiévskiana na obra de Pessoa, mas sim buscar proximidades conceituais e talvez estéticas entre o Romance Polifônico e os heterônimos. Vale lembrar novamente, que as ferramentas citadas acima é um resumo (didático) nosso das ideias dos autores citados.

Desta feita então, teremos que, obviamente, utilizarmos-nos da tradução, tanto de algumas obras de Dostoiévski, bem como do texto “Problemas da poética de Dostoiévski”, de Mikhail Bakhtin. O conhecimento histórico das épocas em que viveram os dois autores também há que ser analisado.

¹ É professora adjunta da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, é licenciada em história, mestra em história e doutora em letras. Sua área de estudo é a História Cultural, estabelecendo relações entre a literatura e outras áreas do conhecimento como a História e a Saúde.

Porém, não nos deteremos na questão do gênero em que escreveram os autores, pois é sabido que Dostoiévski entrou para o Cânone Ocidental de Bloom por conta de seus romances, a saber:

Fyodor Dostoevsky: Notes from the Underground; Crime and Punishment; The Idiot; The Possessed (The Devils); The Brothers Karamazov; Short Novels. (BLOOM, 1995, p. 519)

Bem como Pessoa, que figura na mesma obra por sua poesia, a saber:

Como um contraste para os poetas latino-americanos, ofereço o surpreendente poeta português Fernando Pessoa (1888-1935), que, como invenção fantástica, supera qualquer criação de Borges. Pessoa, nascido em Lisboa e descendente pelo lado paterno de conversos judeus, foi educado na África do Sul e, como Borges, tornou-se bilíngue. Na verdade, até os vinte e um anos escreveu poesia apenas em inglês. (BLOOM, 1995, p. 462)

A quarta ferramenta, que seria “tirar a prova do empréstimo” ou da influência, também não será usada, na verdade será adaptada ao objetivo desta pesquisa. Então neste caso, não iremos tirar prova de nenhum empréstimo e sim ver as semelhanças, que podem ser casuais, ou não, a questão de “tirar prova” requereria um estudo mais aprofundado das obras de ambos autores, ora estudados.

2. *Há proximidades entre Dostoiévski e Pessoa?*

Quando se estuda a obra de determinado autor, há que se levar em consideração o período histórico em que este viveu e produziu sua obra, e, ainda, suas diversas fases enquanto pessoa, da juventude à maturidade. Cronologicamente, começaremos com Dostoiévski, que nasceu em 1821, em Moscou e faleceu em 1881, em São Petesburgo, ainda na Rússia czarista.

Foi durante sua vida escritor, filósofo e jornalista. Alguns estudiosos consideram Dostoiévski um dos maiores “psicólogos” que já andaram pelo mundo, por ser este um profundo estudioso da psiquê humana.

Suas obras são consideradas atemporais por tratarem filosoficamente de questões humanas como sofrimento, culpa, livre-arbítrio, religião cristã, racionalismo, niilismo, miséria, violência, assassinato, altruísmo e problemas mentais ligados. Tal mescla de sentimentos reflete-se em sua obra que ao ser estudada dá a seguinte impressão descrita por Mikhail Bakhtin:

Ao tomarmos conhecimento da vasta literatura sobre Dostoiévski, temos a impressão de tratar-se não de um autor e artista, que escrevia romances e novelas, mas de toda uma série de discursos filosóficos de vários autores e pensadores: Raskólnikov, Míchkin, Stavrógin, Ivan Karamázov, o Grande Inquisitor e outros. Para o pensamento crítico-literário, a obra de Dostoiévsk se decompôs em várias teorias filosóficas autônomas mutuamente contraditórias, que são defendidas pelos heróis dostoiivskianos. (BAKHTIN, 2005, p. 3)

E é exatamente essa mescla de sentimentos, correntes filosóficas antagonicas que são sentidas e vividas pelos heróis dostoiivskianos que formam e dão vida ao romance polifônico. Dostoiévski ainda, não faz de seus pontos de vistas filosóficos e políticos protagonistas em suas obras, sendo seus heróis e personagens tão contraditórios entre si, quanto o próprio autor, que vivia uma profunda crise religiosa, assim como todo o século XIX, conforme assinala a seguinte citação:

A crise que acometeu o cristianismo do século XIX ecoou em Dostoiévski como uma tragédia individual, e a dúvida entre a crença e a descrença ocupou o centro dos grandes romances do escritor russo. (DE ALMEIDA, 2013, p. 41)

Por apresentar-se em suas obras, por diversas ocasiões, um espírito de ruptura, como é retratado na questão da crise religiosa do século XIX, Dostoiévski é reconhecido como um precursor dos movimentos vanguardistas ocorridos na Europa no início do século XX. A questão da crise religiosa, de certa forma, é responsável até mesmo pela queda das grandes monarquias europeias, pois a autoridade do monarca tem origem medieval, na sociedade tripartida. Então quando se questiona a própria natureza da Divindade, o questionamento da monarquia é uma consequência. Logo, podemos analisar esse fato nas vanguardas europeias, que foram movimentos artísticos de ruptura com a estética tradicional, e neste momento, a ruptura com a antiga ordem monárquica medieval.

E é neste momento que podemos começar a falar de Fernando Antônio Nogueira Pessoa, maior expoente do modernismo português. O referido poeta nasceu em Lisboa no ano de 1888. Era órfão de pai e aos cinco anos de idade a mãe casa-se novamente e vai morar na África do Sul. Pessoa só retorna a Portugal no ano de 1905 e entre para a Faculdade de Letras e também cursa filosofia por um tempo. Profissionalmente dedica-se à carreira de correspondente comercial em línguas estrangeiras, paralelamente à sua produção literária.

Pessoa falece em 1935 aos 47 anos de idade, “Corroído pela cirrose hepática, baixa ao hospital e dias depois falece” (MOISES, 1981, p. 296).

Esclarecendo primeiramente que o modernismo é um movimento artístico claramente de ruptura e inspirado nas chamadas vanguardas das quais muitos estudos dizem ser Dostoiévski um dos seus precursores.

3. Interfaces entre o romance polifônico e os heterônimos

Aqui então podemos analisar uma possível interface entre os autores seria de que Dostoiévsk é um precursor das vanguardas, tendo em vista sua obra multifacetada, polifônica, segundo Bakhtin, que é precursora de movimentos de ruptura (vanguardas) e que Fernando Pessoa é um dos responsáveis pela implantação do movimento modernista em Portugal.

Uma das ferramentas usadas pelos modernistas portugueses foi a revista *Orpheu*, que tinha um caráter claro de ruptura “A aderência ao modernismo significa, pois, o rompimento com o passado, inclusive em sua feição simbolista” A crise religiosa de Dostoiévsk iniciada no século XIX, segue influenciando o modernismo, e, em consequência, a própria obra de Pessoa, vindo a ser uma segunda interface entre os autores:

O homem posta-se à frente do espelho, sozinho perante a própria imagem, e angustia-se porque vive uma quadra de desdeificação do mundo, de ausência de Deus ou de qualquer verdade absoluta capaz de explicar-lhe a incoerência visceral e a sem-razão de existir. (MOISÉS, 1981, p. 294-5)

Outro fato que pode ser analisado como uma possível terceira interface entre os autores e suas obras é a questão da complexidade de suas obras, sobre a complexidade da obra pessoana e de sua própria personalidade do autor, Massaud Moises faz a seguinte citação:

Fernando Pessoa é dos casos mais complexos e estranhos, senão único dentro da Literatura Portuguesa, tão fortemente perturbador que só o futuro virá a compreendê-lo e julgá-lo como merece. [...] Todavia, fez mais do que uma simples integração: com base em uma espécie de genialidade inata, quem sabe de raízes patológicas (ele se dizia “histeroneurastênico”), conseguiu superar e enriquecer a velha herança recebida. (MOISES, 1981, p. 296)

Sobre Dostoiévsk, a crítica literária russa pode, talvez por dificuldades metodológicas, analisar apenas um aspecto da obra do autor, tal o nível de complexidade dos heróis de seus romances. Bakhtin (2005, p. 3)

“ao examinar-se a crítica russa de Dostoiévski, percebe-se facilmente que, salvo exceções, ela não ultrapassa o nível intelectual dos heróis preferidos do escritor”. Bakhtin completa seu raciocínio da seguinte maneira:

A multiplicidade de vozes e consciências independentes e imiscíveis e a autêntica polifonia de vozes plenivalentes constituem, de fato, a peculiaridade fundamental dos romances de Dostoiévski. (BAKHTIN, 2005, p. 4)

A citação fala sobre a coexistência de vozes e consciências independentes na obra de Dostoiévski, aos mesmos moldes das vozes dos heterônimos de Pessoa, encerrando neste trabalho possíveis três interfaces entre a obra Pessoa e Dostoiévskiana.

4. À guisa de conclusão

Para finalizarmos este trabalho vale lembrar que o mesmo não tem a intenção de afirmar que Dostoiévski influenciou a poética de Fernando Pessoa, tal afirmação careceria de estudos mais aprofundados. O que fizemos foi elencar de maneira comparativa semelhanças entre a polifonia do romance de dostoiévskiano e os heterônimos de Pessoa.

Para tal foi necessário utilizar algumas ferramentas da disciplina de Literatura Comparada, fazer algumas adaptações necessárias aos métodos dos autores comparativistas consultados e estudados. Dessa forma, podemos sim, inequivocamente perceber semelhanças entre os autores e suas respectivas obras. Tais semelhanças deram-se por influência dos contextos históricos nos quais estavam inseridos os dois autores estudados e também pela “polifonia” percebida na forma de heterônimos, ora, se os heterônimos são diversas vozes falando em um mesmo contexto poético, são eles polifônicos.

Pessoa ao construir um heterônimo monarquista, como Ricardo Reis e outro entusiasta do futurismo como Álvaro de Campos é capaz de mostrar a multiplicidade de pensamentos que eram correntes em seu tempo (polifonia por meio dos heterônimos, diversas vozes, muitas vezes antagônicas no mesmo contexto poético, e, assim como no caso de Dostoiévski, sem que essas vozes representem as convicções filosóficas ou políticas de Fernando Pessoa).

Desta maneira, levantamos a possibilidade de uma influência dostoiévskiana na obra do grande poeta português, que poderá ser estudada

com mais profundidade em outros trabalhos nossos ou talvez em artigos, dissertações ou teses de outros estudiosos interessados nos dois grandes e complexos autores.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAKHTIN, Mikhail. *Problemas da poética de Dostoiévski*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005.

BLOOM, Harold. *O Cânone Ocidental*. Rio de Janeiro: Objetiva, 1994.

COUTINHO, Eduardo; CARVALHAL, Tânia. *Literatura Comparada: Textos Fundadores*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

MACHADO, Álvaro; PAGEAUX, Daniel. *Literatura Portuguesa, Literatura Comparada e Teoria da Literatura*. Lisboa: Edições 70, 1981.

MOISES, Massaud. *A literatura Portuguesa*. São Paulo: Cultrix, 1981.

URBANESKI, Vilmar; SILVA, Renata. *Metodologia do Trabalho Científico*. Indaial: Uniasselvi, 2009.